



Passado silenciado, legado
incontornável: as múltiplas faces
da mulher na História e a luta
por um lugar de protagonismo.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS



Ficha Técnica

Presidente

Jonas Augusto Silva

Secretária

Lavínia Renata de Oliveira Turqueti

Tesoureira

Isabela Elmer Vorique

Diretora Acadêmica

Helena Dias da Silva

Diretor Burocrático

Arthur Nazario Moreira

Diretora de Comunicação

Gabriela Rodrigues de Almeida

Diretora Cultural

Anna Vitória Souza Pereira

Diretora Financeira

Marcelly Mendes

Avaliação

Adriel dos Santos

Ana Paula Cândido

Arthur Nazario Moreira

Laís Flávia Gonçalves de Carvalho

Maria Carolina Aquino

Sarha Ribeiro Bispo Barreto

Victor Hugo Pimentel de Carvalho



2

Simpósios Temáticos Aprovados

ST01 - Violência, Gênero e Religiosidade.	4
ST02 - Visibilidades incontornáveis: as mulheres na História da Arte	6
ST03 - História Lésbica: Práticas, memórias e epistemologias	8
ST04 - História e Memória LGBTQIA+ em Minas Gerais	11
ST05 - Revisitando as ditaduras e o pós-ditadura no Cone Sul: abordagens múltiplas sobre o passado que não passa	13
ST06 - O século XX na história contemporânea: articulações entre Estados, intelectuais, movimentos e partidos políticos	17
ST07 - Observatório da Extrema Direita: Campos historiográficos e perspectivas contemporâneas	19
ST08 - Cultura e imprensa em circulação pelo espaço lusófono: autoritarismos e propaganda no século XX	21
ST09 - Mundos do trabalho, movimentos sociais e culturas populares: experiências, reivindicações políticas e relações de gênero, raça e classe	25
ST10 - Olhares negros da História: raça, trabalho, sociabilidade e ativismos nos séculos XIX e XX	28
ST11 - Do um ao todo, do micro ao macro: múltiplas escalas em História Social	32
ST12 - Tramas Sociais, Conflitos, Poder e Economia no Brasil	35
ST13 - Teorias da história: desafios contemporâneos do fazer historiográfico	38



	3
ST14 - Novos olhares e novos métodos? Práticas e relações historiográficas em tempos digitais	42
ST15 - Ensino de História e Formação de Professores: afetos, saberes e práticas	44
ST16 - Ensino e diferença: o “eu” e o “outro” da História	46
ST17 - Sujeitas e Sujeitos na História e História da Educação: periódicos, redes de sociabilidade e seus múltiplos campos de atuação.	48
ST18 - Memória e Violência: gênero, religião e Estado nas disputas por reconhecimento e reparação	50
ST19 - Direitos Humanos, Arte e Memória: representações, silenciamentos e disputas narrativas	53
ST20 - História do Esporte e das práticas corporais	56
ST21 - História Indígena e do Indigenismo no Brasil republicano (1910 - ...)	59
ST22 - América Latina: entre a pluralidade de atores e tempos histórico	61
ST23 - Antiguidade e Medievo: possibilidades de diálogos	63
ST24 - Espaços em Transformação: Colonização, Demografia e Dinâmicas Sociais (Séculos XVIII e XIX)	64



ST01 - Violência, Gênero e Religiosidade.

Autores: Tatiana Olegario da Silva; Welinaidia de Sousa Generoso.

Palavras-chave: Violência; Gênero; Santidade; Religiosidade.

Modalidade: Online.

Este simpósio temático tem por objetivo reunir pesquisadoras(es), estudantes e demais interessadas(os) em debates interdisciplinares que articulem temas como violência de gênero, violência contra a mulher, feminicídio e santidade, sob diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e históricas. Busca-se fomentar um espaço crítico de troca de conhecimentos e de aprofundamento analítico sobre as formas de construção, representação e vivência da experiência feminina em contextos atravessados pela religiosidade e pelas relações de poder em diversas instituições, sobretudo no que se refere às construções do “ser feminino” a partir dos dispositivos que estruturam os papéis de feminilidade e masculinidade.

Dessa maneira, o simpósio incentiva propostas que problematizem as relações entre violência, religiosidade e santidade, bem como pesquisas que analisem tanto as estruturas de opressão quanto as estratégias de resistência e agência das mulheres em diferentes tradições religiosas, temporalidades e contextos socioculturais.

Além disso, serão acolhidas propostas que discutam as formas de manifestação do sagrado e suas particularidades, considerando como



5

essas expressões dialogam com contextos culturais, históricos e sociais diversos, bem como sua relação com práticas de poder, identidades de gênero e também, processos de resistência.



ST02 - Visibilidades incontornáveis: as mulheres na História da Arte

Autores: Clarissa Videira Rocha de Souza; Rodrigo Felipe Fernandes; Rafael Soares dos Santos Silva; Laura Narazé Arruda.

Palavras-chave: Mulheres, História da Arte, Questões de gênero, Identidade.

Modalidade: Presencial.

Este Simpósio Temático tem por objetivo abordar o tema das mulheres na História da Arte, dando visibilidade a narrativas diferenciadas, capazes de trazer outras percepções e novo vigor aos estudos feitos nesse âmbito. Enquanto campo do saber, a História da Arte abrange conhecimentos que não são somente registros visuais atribuídos a um determinado momento: ela reconstitui um pensar, que se manifesta pelos modos de ver e de compreender a realidade e os objetos representados nas obras. Diante de perspectivas frequentemente difundidas, favorecendo o destaque de sujeitos e concepções dominantes, refletir sobre as mulheres na arte é atentar-se para a forma como sua identidade se mostra em diferentes instâncias - ou, por outro lado, elaborar sua ausência, e resgatar particularidades desconhecidas ou suprimidas. Por isso, esta proposta se abre para interesses diversos, reunidos em torno da temática apresentada. Dentre eles, encontra-se a questão da figuração feminina na arte, abrangendo imaginários consolidados e possibilidades de



reconfiguração; artistas mulheres e a atuação destas em diversas épocas, reconhecendo seu lugar na história, e compreendendo as estéticas que caracterizam suas produções; imagens de mulheres contendo elementos que revelam sua forma de ser e de viver, costumes e hábitos, materiais da cultura e da experiência humana - enriquecendo as narrativas históricas, elucidando assuntos pouco explorados, ou apresentando elementos que desafiam visões hegemônicas; abordagens que priorizem as questões de gênero, acrescentando novas possibilidades interpretativas e contribuições críticas para os temas da arte; atravessamentos, nas manifestações artísticas, por diferentes esferas, tais como raça, etnia, classe, trabalho, origem, religião, política, lazer, dentre outras, referentes às mulheres e as intersecções de sua identidade.



ST03 - História Lésbica: Práticas, memórias e epistemologias

Autores: Jessica Marques Toledo; Joyce Mirella Alves de Souza; Julia Aleksandra Martucci Kumpera.

Palavras-chave: História Lésbica; Teorias Lesbofeministas; Historiografia.

Modalidade: Online.

A proposta deste Simpósio Temático nasce da necessidade de criar mais espaços na historiografia brasileira para refletir e dialogar sobre as experiências de mulheres lésbicas. Durante muito tempo, a disciplina histórica esteve marcada por um olhar patriarcal e heteronormativo, que relegou a lesbianidade ao silêncio ou a tratou de forma marginalizada (NAVARRO-SWAIN, 2004). Diante desses enquadramentos, surge a necessidade de compreender de forma mais aprofundada as especificidades fundamentais da experiência lésbica ao longo do tempo. A história das lésbicas revela um potencial para compreender as experiências de mulheres que priorizam e amam outras mulheres, e que, portanto, criam estratégias de resistência para subverter o heteropatriarcado. Sendo assim, mapear a história das mulheres lésbicas não apenas contribui para a reparação de silêncios e invisibilidades, mas também amplia a compreensão das formas de organização social, das disputas por direitos e das práticas e estratégias de construção comunitária de mulheres que atravessam diferentes temporalidades. Ao reconhecer as lésbicas como sujeitas históricas, torna-se possível evidenciar suas lutas, memórias e



produções socioculturais, consolidando um campo de investigação que enriquece e complexifica a própria escrita da história. Nesse sentido, este Simpósio Temático pretende reunir trabalhos que se debrucem sobre diferentes dimensões da experiência lésbica em contextos variados, considerando tanto temporalidades distantes quanto a história recente. Serão acolhidas pesquisas que tratem de práticas de sociabilidade, produção cultural e artística, trajetórias individuais e coletivas, movimentos políticos, sempre atentas às imbricações entre gênero, sexualidade, raça, classe e território. Entendemos que a lesbianidade não pode ser analisada de forma isolada, mas sim em diálogo com outras formas de opressão e resistência. Do ponto de vista teórico, a proposta se ancora na perspectiva teórica das práticas das abordagens lesbofeministas e feministas e da História das Mulheres. A proposta se ancora nas contribuições de Adrienne Rich (2010) e Monique Wittig (2022), que produziram um pensamento crítico à heterossexualidade de forma política, desnaturalizando a heterossexualidade. Ao invés de analisá-la dentro da esfera das práticas sexuais, as autoras a deslocam para o campo político, mostrando como ela organiza sociedade e oprime as vivências das mulheres (FALQUET, 2012). No que tange a História das Mulheres, Michelle Perrot destaca que a agência das mulheres no tempo significava sobretudo levar a história e a existência das mulheres a sério. De acordo com ela, a escrita da historiografia das mulheres “significa criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicitar os vazios e os elos ausentes, mas



para sugerir uma outra leitura possível (PERROT, 1995, p.9). Nesse sentido, compreendemos as contribuições da História das Mulheres para pensar mulheres lésbicas como sujeitas históricas, reivindicar suas ações e a participações nos momentos históricos, e para que seja possível, sobretudo, levar a existência lésbica a sério. Portanto, os objetivos são estimular o diálogo entre pesquisadoras de diferentes áreas e abordagens da História e problematizar os silêncios e ausências na historiografia. Ao pensarmos nas experiências lésbicas de forma central como sujeitas históricas, buscamos não apenas reparar invisibilidades, mas também propor deslocamentos epistemológicos capazes de ampliar os horizontes da escrita da história. Nosso intuito é fomentar um espaço de encontro e troca, no qual a história lésbica se apresente não apenas como objeto de estudo, mas como campo de pensamento crítico e como prática de resistência.



ST04 - História e Memória LGBTQIA+ em Minas Gerais

Autores: Ana Cecília Pereira Batista; Júlia de Castro Martins Ferreira Nogueira.

Palavras-chave: Memória LGBT; História LGBT; Minas Gerais.

Modalidade: Online.

O simpósio temático “História e memória LGBTQIA+ em Minas Gerais” busca reunir pesquisadoras, pesquisadores e demais pessoas interessadas em refletir sobre as múltiplas formas de construção, preservação e disputa das memórias LGBTQIA+ no estado. A proposta parte do reconhecimento de que Minas Gerais, com sua diversidade cultural e territorial, abriga experiências relevantes de ativismo, organização social, práticas culturais e iniciativas de memória que permanecem pouco exploradas pela historiografia e pelos debates públicos nacionais.

Pretendemos acolher trabalhos que abordem a atuação de grupos e coletivos LGBTQIA+, formais ou informais, suas estratégias de luta e sociabilidade, bem como os modos pelos quais produzem e transmitem memórias. Interessa-nos, ainda, a reflexão sobre os usos públicos e políticos do passado e sobre os processos de patrimonialização e a inserção (ou ausência) de memórias LGBTQIA+ em instituições culturais e políticas de preservação.

O simpósio incentiva perspectivas comparadas e transnacionais,



capazes de relacionar experiências mineiras a contextos de outras regiões do Brasil ou do exterior. Sabemos que as desigualdades sociais e raciais impactam diretamente a maneira como sujeitos e coletivos se constituem, acessam direitos e constroem suas memórias. Por isso, encorajamos abordagens interseccionais, que considerem as relações entre sexualidade, gênero, raça, classe e território na experiência LGBTQIA+.

Esperamos que o simpósio contribua para ampliar o diálogo entre pesquisadores e ativistas, estimulando novas pesquisas e fortalecendo iniciativas de preservação da memória LGBTQIA+ em Minas Gerais.



ST05 - Revisitando as ditaduras e o pós-ditadura no Cone Sul: abordagens múltiplas sobre o passado que não passa

Autores: Samuel Torres Bueno; lasmin do Prado Gomes; Isadora Silva Gomes.

Palavras-chave: Memória; Ditaduras; Pós-ditaduras.

Modalidade: Online.

Podemos afirmar, sinteticamente, que as ditaduras civis-militares que assolaram o Brasil, a Argentina, o Chile e o Uruguai entre os anos 1960 a 1980 manifestam-se, em três grandes dimensões. A primeira concerne ao fato de que elas são parte de um “passado que não passa”, pois foram regimes autoritários que deixaram profundas cicatrizes e efeitos que reverberam nos corpos, nas instituições e nas subjetividades. A segunda diz respeito às intrincadas questões sobre aquilo que deve ser trazido à tona ou ocultado com relação a esses processos traumáticos. A construção da memória acerca das ditaduras configura-se, portanto, como um campo de constantes embates protagonizados por uma miríade de atores: o Estado, sobreviventes, familiares de mortos e desaparecidos, organizações de direitos humanos, forças militares, perpetradores, colaboracionistas e a própria sociedade civil. A terceira é a investigação desses períodos, situada no campo da chamada “história do tempo presente”, permeada por recortes bastante diversificados, por um diálogo interdisciplinar e por justificativas não apenas acadêmicas, mas também éticas e políticas.



Essa proposta de simpósio busca, portanto, contribuir para o debate acerca das complexidades do passado ditatorial e de suas repercussões. Com o intuito de reunir trabalhos que examinem tanto os regimes ditatoriais em si quanto seus impactos duradouros, o objetivo é promover uma articulação de perspectivas já consolidadas com pesquisas emergentes. Assim, serão bem vindos estudos que se debruçam sobre distintas facetas: a formação e atuação dos aparatos repressivos; a colaboração direta e indireta de grupos e indivíduos com os regimes autoritários; o papel dos intelectuais; reflexões sobre a produção historiográfica e das ciências sociais; e a instrumentalização do passado ditatorial no contexto atual, especialmente por grupos conservadores. Serão contempladas ainda as especificidades das perseguições realizadas fora dos grandes centros urbanos, bem como as violências direcionadas a mulheres, à população LGBTQIAP+, aos povos originários, à comunidade negra e aos trabalhadores, bem como trabalhos que versem sobre justiça de transição adotadas por esses países.

Logo, serão bem-vindas pesquisas que incluem uma extensa gama de temas que se entrelaçam. E dentre eles estão: a) Doutrina de Segurança Nacional e a Operação Condor; b) os estudos sobre os discursos e práticas de setores civis e militares; as figuras perpetradoras e direitistas implicadas na estrutura ditatorial e nas “zonas cinzentas”; c) a trajetória da intelectualidade em meio a esse recorte; d) a historiografia e trabalhos sociológicos ou da ciência política realizada durante (e sobre) o recorte ditatorial e suas consequências; e) a apropriação das experiências



autoritárias envolvidas na produção e disseminação de narrativas revisionistas/negacionistas; f) os marcadores locais/regionais, de gênero, sexualidade, etnia, raça e de classe que atravessaram a repressão; f) os mecanismos da justiça de transição, o direito à memória, verdade e justiça e as Comissões da Verdade; g) as políticas desenvolvidas pelas ditaduras em outras áreas além da máquina do terror; e h) representações memorialísticas, artísticas ou testemunhais do período.

Portanto, o simpósio pretende concretizar um panorama que explicita a variedade de posições tomadas diante dessas ditaduras no ontem e no hoje, que vão de um debate de cunho historiográfico e teórico até a um teor mais empírico. Destacamos, por fim, que a abrangência de pesquisas que versam sobre múltiplos elementos não consiste em um generalismo vazio, mas em uma maneira de trazer à tona compreensões intrincadas tanto das resistências quanto das colaborações relativas aos regimes de terror que vigoraram no Brasil, na Argentina, no Chile e no Uruguai. Como já foi mencionado, pensar os autoritarismos nesses países pressupõe um trânsito por vários campos e enfoques. Dessa maneira, essa proposta de viés mais amplo visa fornecer um horizonte crítico a respeito do vínculo das ditaduras com as redemocratizações no Cone Sul mediante análises caracterizadas pela pluralidade de documentos, objetos, sujeitos, metodologias, disciplinas, o que inclui a retomada de ângulos mais densamente inquiridos quanto tendências voltadas à revisões salutares. Em suma, a proposta deste simpósio visa debater sobre as questões relacionadas ao quê (e ao como) as ditaduras são lembradas



coletivamente, e a partir da exploração de fontes heterogêneas, pretendemos refletir a tensão entre a recordação e o esquecimento dessas experiências históricas através de enfoques tanto já assentados quanto aqueles incipientes.



ST06 - O século XX na história contemporânea: articulações entre Estados, intelectuais, movimentos e partidos políticos

Autores: Ana Julia Corrêa Ferreira; Tamires de Moura Nogueira Rosa; Juliana Nogueira Garcia Roque; Milene do Carmo Gomes.

Palavras-chave: Século XX, Estados, Partidos Políticos, Intelectuais.

Modalidade: Presencial.

O século XX foi palco de intensas disputas políticas e sociais a partir da atuação dos sujeitos históricos em um contexto marcado pela prevalência dos Estados, instituições, partidos e movimentos políticos (Hobsbawm, 1995). Como resultado, surgiram novos roteiros de intervenção na realidade e estrutura social, mesclando programas político-sociais, atividades, vocabulários e ideias políticas, além de modulações na experimentação temporal. Em meio a conjunturas democráticas e autoritárias; contextos de crise e aparente estabilidade; e pujantes fermentações políticos-intelectuais, o século XX presenciou processos históricos que horizontalizaram a ordenação da gramática pública e o campo do poder, instituindo símbolos, códigos e meios de comunicação tipicamente modernos, como a imprensa periódica e a propaganda de massas.

As correspondências entre espaço e discurso públicos, e as práticas e representações constituintes, engajaram as expectativas dos agentes perante as situações históricas, pavimentando comportamentos de



diversos matizes. Isso posto, o processo e a comunidade política incorporam mobilização, definição e organização de interesses, tendo as instituições, autoridades, oportunidades e culturas políticas, papel fundante nas estratégias de interesses e ação política (Immergut, 2007). Nesse sentido, em se tratando de processos e contextos heterogêneos, o século XX se apresenta como um campo fértil para análises que articulem as dinâmicas políticas e culturais em suas múltiplas escalas e temporalidades.

Diante do exposto, o presente Simpósio Temático pretende reunir trabalhos voltados à história política, cultural e social do século XX. Serão aceitas propostas que dialoguem com espaços nacional, transnacional e global, a respeito de movimentos e partidos políticos, intelectuais e redes de sociabilidade, ideias e ideologias, cultura política e representações artísticas, imprensa periódica e propaganda, nacionalismos e autoritarismos. Em especial, o objetivo deste Simpósio é refletir sobre a experiência histórica do século XX e de que maneira ela pode contribuir para pensar o presente histórico.



ST07 - Observatório da Extrema Direita: Campos historiográficos e perspectivas contemporâneas

Autores: Gabriel Benedito Machado; Mayara Balestro; Bruna Giovanna da Silva; Lavínea Oliveira da Rosa.

Palavras-chave: Novas Direitas; Ultradireita; História Moderna e Contemporânea; História Digital.

Modalidade: Presencial.

O Simpósio Temático “Observatório da Extrema Direita: campos historiográficos e perspectivas contemporâneas” é organizado por membros do grupo de pesquisa CNPq “Observatório da Extrema Direita” que se dedica a monitorar e analisar governos, partidos, movimentos e subculturas da ultradireita no Brasil e no mundo. Na XXXIX Semana de História da UFJF (2023), o simpósio foi realizado pela primeira vez, contando com ampla participação de pesquisadores do tema, que suscitaram profícuas discussões e a dilatação de redes colaborativas de pesquisa.

O objetivo do simpósio é congregar pesquisas que se relacionem com as direitas enquanto objeto de reflexão e categoria analítica dentro do campo historiográfico. A partir de contribuições nacionais e internacionais, serão realizadas discussões que busquem compreender e classificar, por meio de experiências históricas, as dimensões conceituais de abordagens adotadas dentro do debate sobre a temática. A proposta insere-se no âmbito das discussões contemporâneas e busca reunir pesquisas que contribuem para a compreensão das direitas enquanto fenômeno diversificado em termos ideológicos, organizacionais e mobilizadores que se desenvolveram desde o fim da Segunda Guerra Mundial até o presente.

Mediante a processos históricos e sociais complexos, conceitos e



categorias como Ultradireita, Extrema Direita, Direita Radical, Nova Direita, Autoritarismo, Conservadorismo, Pós-Fascismo, Neofascismo, Bolsonarismo, Crise Democrática, Negacionismo, Revisionismo Histórico-Científico, Guerra Cultural e Ultraliberalismo poderão ser desenvolvidos no simpósio. Tendo isso em vista, tais trabalhos nos fornecem instrumentos para o desenvolvimento do campo historiográfico, bem como a compreensão das especificidades da História do Tempo Presente, História Pública e História Digital.

Portanto, serão bem-vindos trabalhos que tratem de estudos de caso, análises comparativas, ou que partam do regional à perspectiva transnacional e global mediante suas variações interpretativas. A partir de tal pluralidade temática, são incluídos nesse prisma desde seus atores, movimentos e organizações até suas performances e ativismo, além de abordagens que priorizem a constituição e mobilização de suas ideias, ideologias, narrativas e símbolos.



ST08 - Cultura e imprensa em circulação pelo espaço lusófono: autoritarismos e propaganda no século XX

Autores: Andrelise Gauterio Santorum; Gabriela Santi Pacheco.

Palavras-chave: Autoritarismos; Transnacionalidades; Imprensa; Artes; Espaço Lusófono.

Modalidade: Online.

O século XX, sobretudo após a irrupção do fenômeno fascista, viu surgir regimes e/ou movimentos autoritários e conservadores em diferentes pontos do mundo ocidental, construídos de acordo com as especificidades de cada contexto temporal e geográfico. Se é verdade que essas manifestações políticas distanciam-se entre si e da “essência fascista” por uma série de questões, também o é que esses diferentes projetos políticos apresentavam um núcleo de ideias em comum: o nacionalismo exacerbado, a retórica salvacionista e a defesa de um Estado forte como única solução para a regeneração da nação. ??Sendo assim, por mais que tenha existido um considerável grau de variação institucional entre as diversas expressões autoritárias, fascistas ou não, algumas características foram recorrentes em grande parte delas, nomeadamente porque se organizou um amplo campo de circulação de ideias, o que possibilitou intercâmbios transnacionais e processos de influência, nos quais regimes e movimentos buscavam inspirações uns nos outros, além de exercerem influência entre si.



Marcado pela estetização da política, o período em questão assistiu à ascensão da propaganda como instrumento central na consolidação do poder, entendida como peça fundamental para a fabricação e a gerência de consensos, isto é, para a manutenção da legitimidade do discurso autoritário. Assim, uma das questões mais características desses múltiplos autoritarismos foi a utilização de veículos da imprensa (jornais, revistas, rádio) e das formas de manifestação artística (teatro, música, literatura, cinema) em favor dos seus interesses. Esses setores de imprensa e da cultura, responsáveis por informar, fazer refletir e formar opiniões nas sociedades, eram particularmente temidos pelos grupos de caráter autoritário, de modo que, além de serem instrumentalizados em prol de interesses de poder político, eram também perseguidos e controlados, sofrendo vigilância constante por meio da censura. Essas duas estratégias, da repressão e da propaganda, foram utilizadas em muitos regimes e movimentos de forma simultânea e complementar.

Esse fenômeno ocorreu em diversas partes do mundo, incluindo Europa, América do Sul e África. No contexto lusófono, destacam-se representantes que mobilizaram essas práticas para fins de controle social e legitimação política. O Estado Novo português (1933-1974), além de ter sido a mais longa ditadura europeia do século XX, ilustra esse processo por ter orquestrado um amplo aparato de cerceamento a todas as formas de expressão. Por meio do Secretariado de Propaganda Nacional, operacionalizou uma série de ações voltadas para a inculcação dos valores nacionalistas e colonialistas defendidos pelo regime, fazendo uso da



imprensa e das manifestações artísticas em prol dos seus interesses. Esses setores foram mobilizados como parte fundamental do seu aparato propagandístico, não apenas para a legitimação ou manutenção do seu poder em Portugal, mas também nas então parcelas portuguesas situadas em África (Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde), buscando estender o alcance da sua propaganda além-mar. No Brasil, por sua vez, a principal expressão do fascismo extraeuropeu, a Ação Integralista Brasileira (1932-1937), é um exemplo de organização que fez da propaganda um dos pilares de sua atuação política nos anos 1930. Desde a sua fundação, estruturou mecanismos, como a Secretaria Nacional de Propaganda, a Secretaria Nacional de Imprensa e o Sigma Jornais Reunidos, para coordenar a difusão das ideias integralistas, além de utilizar os recursos midiáticos e as manifestações culturais como instrumentos de visibilidade e expansão, mobilização social, construção de identidade, divulgação doutrinária e combate a adversários políticos. Esses dois exemplos evidenciam que, seja enquanto regime seja como movimento, as estratégias propagandísticas caracterizaram-se como importante meio de difusão, mobilização e neutralização da sociedade em torno de valores promovidos por projetos políticos durante a onda autoritária do século XX.

À luz dos referenciais teóricos da História Global e da História Transnacional, pretendemos refletir sobre os diferentes usos da imprensa e das artes como instrumentos propagandísticos recorrentes do autoritarismo. Para isso, buscamos reunir investigações que explorem a



mobilização, seja de jornais, revistas e rádio, seja de teatro, música, literatura e cinema, por movimentos e regimes de caráter autoritário que eclodiram pelo espaço lusófono ao longo do século XX. Essa reflexão considera as dinâmicas de mobilidade, intercâmbio e circulação de coisas, pessoas, ideias e instituições em uma esfera transnacional ou global, que marcaram fortemente a política do período nesse espaço geográfico descontínuo que tem como ponto em comum a língua portuguesa.



25

ST09 - Mundos do trabalho, movimentos sociais e culturas populares: experiências, reivindicações políticas e relações de gênero, raça e classe

Autor: Danilo Freire Rodrigues; Elilson Pedro Marquez Covre.

Palavras-chave: Mundos do trabalho; movimentos sociais; cultura popular; manifestações culturais.

Modalidade: Online.

Este simpósio pretende reunir comunicações que tenham como norte a História Social, contemplando diferentes experiências, manifestações culturais, festividades, sujeitos, movimentos, lutas e/ou ideologias políticas ligadas aos mundos do trabalho, aos movimentos sociais e às culturas populares em diferentes recortes temporais e espaciais. Na discussão sobre os mundos do trabalho, existem trabalhos de temas clássicos, como as relações de trabalho e as condições de vida durante o período escravista, e o mesmo em relação à formação da classe operária após a abolição da escravidão e consolidação do capitalismo e do trabalho assalariado. Temas já consolidados, porém não encerrados, aparecem nas questões como lutas e resistências contra a escravidão, abolicionismo, associativismo, sindicalismo, entre outros. Por outro lado, desde os anos 1980 e principalmente 2000, a historiografia vem sendo ampliada em termos de objetos de análises e pesquisas sobre os múltiplos aspectos dos mundos do trabalho, o que nos traz contribuições



importantes sobre lutas, defesas políticas e experiências históricas que consideram as relações de raça, classe, gênero, nacionalidade, regionalidade, etc. Da mesma maneira, o campo dos movimentos sociais é diverso e amplo já que abarca possibilidades de estudos sobre lutas passadas ou contemporâneas que incidem nas relações sociais, nas instituições e nos processos de tomada de decisões através de tensões, articulações, associações e conflitos. Assim, os movimentos também têm sido abordados em estudos sobre culturas populares, considerando seu desenvolvimento e reinvenção metodológica durante a década de 1980, abarcando campos de trabalho com a História Oral e a transdisciplinaridade com a Antropologia. Objetiva-se neste simpósio congregar análises e pesquisas ligadas à classe trabalhadora e às experiências de populares ou de grupos sociais não dominantes ao longo da história, em diferentes localidades e perspectivas de pesquisa, para que assim ocorra uma troca de reflexões acerca do que vem sendo produzido na historiografia atual sobre os temas mencionados. Serão bem-vindos estudos sobre os três temas do simpósio que contemplem: condições de trabalho, de sobrevivência, de reprodução e de vida dos trabalhadores/as, sejam escravizados/as e/ou livres, da cidade ou do campo; processos de migração; diferentes culturas, aspirações e ideologias políticas; associações, organizações, lutas e resistências de diferentes categorias de trabalhadores/as; sujeitos, individualidades e coletividades; relações de raça, gênero e nacionalidade nos mundos do trabalho; movimentos sociais e suas defesas políticas, confrontos, conquistas, derrotas; música, teatro,



festas e demais expressões populares em diferentes períodos e localidades; manifestações culturais enquanto aspecto da formação histórica de sociedades, lugares, territórios, cidades e regiões.



ST10 - Olhares negros da História: raça, trabalho, sociabilidade e ativismos nos séculos XIX e XX

Autores: Chrigor Augusto Liberio; Jéssica Lopes de Assis; Maria Eloah Bernardo

Palavras-chave: População Negra; Trabalho; Raça; Sociabilidade; Ativismo; Pós-abolição.

Modalidade: Online.

A proposta deste simpósio temático objetiva congregar pesquisas que buscam enegrecer o fazer histórico, angariando uma gama de trabalhos produzidos por pesquisadoras e pesquisadores negros em conjunto com outros historiadores que produzem uma historiografia sobre a população negra em diferentes locais e períodos. Buscamos variadas perspectivas sobre os mundos do trabalho, as formas de sociabilidade e de ativismo da população negra no Brasil e no Mundo que compreendem o período de 1850 à década de 1980, constituindo um arcabouço de diferentes pesquisas históricas que colocam trajetórias negras no centro. A historiografia, principalmente a brasileira, vem desde os anos de 1970 renovando seus estudos sobre a população negra a partir da reivindicação dos Movimentos Negros, sendo estas organizações espaço de produção do conhecimento que congregam a luta política e a produção intelectual na proposição de práticas pedagógicas e políticas a renovar sua história (Gomes, 2020). Já os anos de 1980, foram propulsor de uma historiografia



que se propôs a pensar em formas de se pesquisar, por exemplo, as relações de trabalho entre a escravidão e liberdade através de uma história vista de baixo, considerando a agência de pessoas racializadas em contrapartida a concepções de anomia da população negra e, até mesmo, o despreparo destes para se inserirem na sociedade burguesa. Ademais, em uma profusão de pesquisadoras e pesquisadores negros refazendo e reposicionando o local do negro na História, os últimos 20 anos foram de transformação do campo historiográfico na busca constante do fazer sujeito, o negro antes repellido. A lei 10.639/2003 e as políticas afirmativas nas universidades foram pilares também nessa transformação. Com a proposta de, também, colocar o negro como agente e agenciador da história, rejeitando as noções de docilidade, passividade e masoquismo (Moura, 1959; 1978), campos de estudos se fortaleceram e se estabeleceram com ênfase em estudos das variadas formas de exploração do trabalho entre a escravidão e a liberdade; estudos sobre a família escravizada; a questão da aquisição de liberdade; os abolicionismos e as lutas pela emancipação; assim como as formas de organização e protestos em prol da cidadania no pós-abolição (Machado; Castilho, 2015). Ainda, a historiografia foi capaz de reelaborar as formas de se pesquisar o negro na História, transformando as metodologias, conceitos, espaços, sujeitos e objetos do ofício, rompendo com o paradigma da ausência que, junto ao Estado, silenciava a cor e a racialidade dos problemas do Brasil pós-escravista (Nascimento, 2016), ainda na reimaginação do pós-abolição como problema perene a formação social e econômica do Brasil, com as



reminiscências do fim da escravidão vivas e pulsantes na sociedade brasileira até o tempo presente (Mattos; Rios, 2004). Acreditamos também que, se tratando da experiência brasileira, os movimentos abolicionistas poderiam se configurar como movimento social na busca por direitos muito antes da virada para o século XX pois, de acordo com George Reid Andrews, “era comum que as organizações de base racial assumissem a forma de movimentos ressurgentes para os direitos civis dos negros” (Andrews, 2007). Como propôs Beatriz Nascimento, esse simpósio é um chamamento à todos aqueles que contribuem para uma história feita por mãos negras. A intenção é colocar em evidência as análises empreendidas de experiências singulares conectadas à histórias individuais e familiares em vários contextos em que seus sujeitos tomam parte, a fim de viabilizar o acesso à multiplicidade de processos sociais, seus tempos e espaços (Pessoa, 2020). Portanto, em um leque de possibilidades de pesquisa sobre a população negra atravessadas por gênero e classe, buscamos trabalhos que visem elucidar diferentes trajetórias na escravidão ou em liberdade no século XIX; dinâmicas encontradas de movimentação negra na república; as diversas formas de trabalho dito “livre” entre a escravidão e liberdade, com ênfase na experiência tutelada; dinâmicas de mobilidade social e sociabilidades, urbanas e rurais; novos tipos de ativismo do século XIX ao XX, seja com enfoque religioso, assistencialista, recreativo, artístico ou político, como o Movimento Negro Unificado (Santos *apud* Domingues, 2007); a elucidação de personagens intelectuais e suas movimentações



políticas; entre outras pesquisas que perpassem os Olhares Negros da História.



ST11 - Do um ao todo, do micro ao macro: múltiplas escalas em História Social

Autores: Lucas Oliveira de Jesus; Bianca Ribeiro de Sá; Thaís do Nascimento Gonçalves; Victor José do Nascimento Custódio.

Palavras-chave: Memória Social; Violência; Gênero; Religião; Necropolítica.

Modalidade: Presencial.

O presente simpósio tem como objetivo reunir historiadores (as) de todas as formações que utilizem, como principal referencial metodológico, a Micro-História. Construída inicialmente durante a década de 1970, a Micro-História representou um esforço de alguns historiadores italianos em repensar o modo de se produzir, analisar e pensar a História, sobretudo a História social. Ao se distanciar da tradição estruturalista e dialogar com métodos e conceitos da antropologia, tal perspectiva possibilitou novos olhares sobre a realidade, a partir do que ficou conhecido como “jogos de escalas”. Nessa abordagem, a escala de observação é reduzida a partir de uma delimitação espaço-temporal, o que define um “caso particular”, este por sua vez é analisado por meio de um estudo intensivo das fontes disponíveis (Levi, 1992 p.136). Após essa análise, o historiador realoca o caso particular no contexto maior (regional, nacional, global), o que permite perceber dinâmicas, estruturas e processos mais amplos.

A utilização deste método de análise proporciona ao historiador a possibilidade de lançar olhar para o sujeito do passado, podendo confirmar



os comportamentos estruturais e/ou observar excepcionalidades que, na maioria das vezes, confirmam a normalidade. O que é chamado por Grendi de excepcional normal (Grendi, 1994, p.544 apud Levi, 2023, p.28), pode vir a contribuir para o entendimento de uma rede cultural mais ampla. Pesquisadores que debruçam-se sobre a sociedade brasileira, sobretudo no Antigo Regime (como no caso dos professores e muitos dos mestrandos e doutorandos ligados aos LAHES), encontram em tais métodos uma chave interpretativa para compreensão cultural ultramar, dentro e fora do território brasileiro, contribuindo para um propósito historiográfico mais amplo e assumindo que a história é, assim como Levi salienta, a ciência das perguntas gerais e das respostas “locais” (Levi, 2023, p. 32-33).

Embora tenha iniciado na Itália, a Micro-História, atualmente, é um campo metodológico difundido, reconhecido, reproduzido e criticado pela historiografia mundial. No Brasil, o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) destaca-se pela existência de uma linha de pesquisa que busca reunir mestrandos e doutorandos que tenham como orientação a Micro-História. Integrado à linha “História Global, Micro-História e Diálogos Epistêmicos”, o Laboratório de História Econômica e Social (LAHES) funciona como um espaço institucional de produção científica, cuja preocupação central são, justamente, as múltiplas escalas da realidade social, englobando uma grande diversidade temática, temporal e conceitual. Nessa perspectiva, a proposição deste simpósio parte da intenção de membros do laboratório



em fomentar o diálogo entre pesquisadores dos diferentes níveis que tenham como referencial metodológico a Micro-História. Sendo assim, buscamos reunir um grande número de trabalhos que se debruçam sobre os jogos de escalas, as necessárias conexões entre o local e global, e a identificação das estratégias realizadas pelos diferentes sujeitos históricos nas lides de suas realidades.

Nesse sentido, este simpósio encontra-se aberto à qualquer pesquisador ou estudante que utiliza (ou pretende utilizar) o método em seus trabalhos, independente do período histórico, uma vez que, busca criar espaço para o debate a respeito da aplicabilidade e das possibilidades de pesquisa que dialoguem de alguma forma com a história social e a micro história. Quando compreendemos que a micro-história pode nos auxiliar a compreender dinâmicas amplas através de *zooms* com foco em indivíduos e casos específicos, enxergamos nela potencial para os campos do Ensino de História, História do Direito, História das Mulheres, História Afro-brasileira, Patrimônio Histórico, etc. Pois, como já pontuamos, a Micro-História nos permite perceber casos individuais, que ampliam a realidade social do sujeito estudado, logo nosso intuito será trazer discussões que permitam aos proponentes a ampliação de seus olhares e debates, assim como o compartilhamento de suas pesquisas e o conhecimento sobre a de outros colegas, o que usualmente constrói um ambiente de crescimento dentro da pesquisa.



ST12 - Tramas Sociais, Conflitos, Poder e Economia no Brasil

Autores: Vinicius Maia Cardoso; Randolpho Radsack Correa; Patricia de Oliveira Guerra Radsack Corrêa; Arthur da Costa Orlando.

Palavras-chave: Tramas Sociais, Conflitos, Economia.

Modalidade: Online.

A escolha pela proposição e continuidade deste simpósio temático foi baseada nos grandes debates historiográficos ocorridos tradicionalmente acerca dos temas propostos em seu título, nas edições anteriores da Semana de História da UFJF. Nesse sentido, o presente simpósio temático busca reunir, novamente, pesquisas com abordagens teórico-metodológicas e análises que objetivem a trocas de saberes e experiências relacionadas às interfaces entre diferentes tramas sociais, conflitos, relações de poder e economia. Sobre os elementos em destaque, compreende-se que a palavra poder remete ao pensamento de uma força que permeia as relações sociais e pode ocorrer de forma direta ou indireta entre indivíduos que, a partir de diferentes meios, estabelecem a capacidade ou a faculdade da realização de algo em uma sociedade, assim como a posse do mando e da imposição da vontade. Outrora, o conflito, como produto das relações sociais e suas dinâmicas, surge na perspectiva dos interesses e das disputas no Brasil. Como característica inerente aos processos de coexistência, os embates são comuns às dinâmicas de



sociabilidade independente das conjunturas e contextos. Contudo, a realidade da violência não pode ser desconsiderada, uma vez que o fenômeno do conflito é inerente à natureza das relações políticas, econômicas e sociais. Logo, é preciso compreender a violência como um fenômeno que ultrapassa as relações de fissuras, transições ou rupturas. No entanto, essas relações podem, sim, interferir nas dinâmicas sociais. As ações de violência não devem ser interpretadas de maneira frívola ou simplista, não devem ser interpretadas como produto do uso indevido das regras simplesmente. O recurso ao ato da violência, em resposta aos conflitos, ocorria independente da natureza de seus autores e as ações nasciam das mais diversas situações sociais, não caracterizando, assim, um grupo social específico. O que estava em jogo era a possível defesa de um posicionamento, da delimitação de um espaço social e das aspirações do indivíduo ou do coletivo. Somado às perspectivas mencionadas, acrescenta-se a abertura para análises direcionadas para a dinâmica econômica brasileira, uma vez que possibilitam a desconstrução de alguns fatos que, durante muitos anos, foram interpretados como verdades absolutas. Além disso, entende-se que a intensificação e organização da produção ocorrida nos mais variados territórios existentes dentro do espaço geográfico brasileiro, possuíam suas especificidades em diferentes âmbitos – relações de trabalho, propriedade agrícola, etc – e possibilitou, a determinados grupos, uma acumulação endógena de capital, mesmo em um período pré-capitalista. Acumulação que pôde ser reinvestida em diferentes meios, o que, invariavelmente, gerou condições para o



desenvolvimento de diversas atividades comerciais, como também melhorias de infraestrutura urbana em variadas cidades. Desse modo, o presente simpósio abre-se a pesquisas que tenham como enfoque as permanências, as ambivalências, as simultaneidades e os antagonismos historicamente tecidos nas múltiplas formas de relações sociais entre as elites e as camadas populares no Brasil, nas mais diversas dimensões temporais e espaciais de envolvimento.



ST13 - Teorias da história: desafios contemporâneos do fazer historiográfico

Autores: Ricardo Vicente da Cunha Junior; Julia Ferrarezi Petrato; João Victor de Oliveira Calegari.

Palavras-chave: Teoria da História; Ensino de História; História e Literatura

Modalidade: Online.

O presente simpósio tem a intenção de receber comunicações que articulem reflexões a respeito da Teoria da História e Ensino de História, especialmente relacionadas à prática, o lugar da escrita historiográfica e as fronteiras embaçadas entre a Literatura e História. Os diferentes modos pelos quais o saber histórico vem sendo constituído e disputado na contemporaneidade, considerando, temáticas que desafiam o pensar histórico, como: o lugar na narrativa, as formas de representação e refiguração do passado, os processos de politização do tempo, a própria ideia de pensar o espaço (in)disciplinar da história, os diferentes modos de articular teoria e ensino de história e os modos como a história ensinada é igualmente convocada a pensar sua constituição disciplinar, as teorias da história e historiografia que tensionam o cânone epistêmicos, são pontos de interesse para o presente simpósio temático.

Partindo da concepção que o campo historiográfico está aberto para investigação e reflexão, compreendemos que há um tensionamento provocado pelas características de uma herança disciplinar do século XIX



que pensa o tempo como homogêneo, estável, progressivo, a serviço e formador de um Estado. Essa tensão ocorre devido a uma espécie de dissincronia temporal, que, em contraste com uma nova configuração da linguagem utilizada na produção histórica e literária do passado, revê as disposições formais e estéticas da disciplina. É nesse sentido que compreendemos a necessidade emergente de uma reconfiguração do fazer historiográfico e a constante problematização dos protocolos que engendram nosso campo disciplinar, entendendo-os como resultantes de tensionamentos espaço-temporais que politizam o tempo e a prática historiográfica. Teorizar e aprender história, desse modo, é um ato contingencial e performático o que nos leva a questionar em torno de quais os desafios e possibilidades tal perspectiva nos convida/convoca a pensar.

Entendemos que o saber histórico é um saber constituído pela linguagem e seu processo de construção requer a necessidade de considerar a dialogicidade do conhecimento, em especial no que tange ao contexto em que se vincula a narrativa histórica. Considerando tal constatação, de que modo o conhecimento histórico é narrativamente construído? Essa indagação, que em um primeiro momento parecia de algum modo simplória e teoricamente vencida, ganha novos contornos diante de um contexto marcado por diversas crises que, no caso brasileiro, tem afetado o próprio lugar de um saber academicamente construído. Novos paradigmas desafiam ainda mais o campo dos estudos históricos com a necessidade de que novas interseções sejam igualmente centrais na



construção do saber, haja vista as justas e precisas reivindicações realizadas pelas pesquisas decoloniais, que se somam às demandas de gênero, raça e classe, cujos contornos ganham camadas de sentido a partir da centralidade que desempenham no campo historiográfico nos últimos anos, sobretudo quando temos como objeto de análise a produção do discurso historiográfico.

Soma-se a esses paradigmas a configuração de novas arquiteturas plataformizadas e relações algorítmicas. Esse processo, de certa forma, combina-se com a relação de temporalidade de crise ou imediata, cancelando um horizonte de expectativa comum a sociedade, mas não só, cancela também um passado que seja comum, abrindo espaço para contestações de viés negacionista de grupos que adaptam sua linguagem a esses espaços.

Outro campo bastante importante, que dialoga com a temática de nosso ST é o ensino de história. Por isso, partimos de uma concepção que diagnostica, nos últimos anos, uma ampliação de pesquisas que versam sobre as especificidades do ensino e aprendizagem em história. Todavia, é preciso que neste momento também compreendamos o ensino de história enquanto uma construção narrativa pautada em ideologias e formas de usar o passado. Como usamos o passado em sala de aula? Quais são as ideologias que movem este saber escolar? Não é possível ficarmos presos à uma falsa ideia de uma história escolar neutra, isenta e científica, por isso a necessidade de elaborarmos esses e outros questionamentos.

Desse modo, nosso simpósio temático busca reunir trabalhos que



versem sobre as diversas temáticas exemplificadas acima, sintetizadas pelos variados assuntos que circundam a teoria da história, a narratividade, o ensino de história, a história pública e a literatura. Neste sentido, buscaremos reunir em torno das temáticas da narrativa histórica e dos usos políticos do passado as mais variadas reflexões que tangenciam os dilemas contemporâneos vivenciados pelos sujeitos históricos imersos em constantes crises.



ST14 - Novos olhares e novos métodos? Práticas e relações historiográficas em tempos digitais

Autores: Mateus Rezende de Andrade; Ian Kisil Marino; Maria Eduarda Taroco Vieira.

Palavras-chave: História Digital; Historiografia.

Modalidade: Online.

O Simpósio tem por objetivo acolher e discutir os trabalhos das Ciências Humanas em geral, com ênfase maior no campo da História, que trabalhem com os desdobramentos e novas práticas decorrentes do uso de tecnologias, bem como das transformações provocadas pelos ambientes digitais. Envolve portanto pesquisas realizadas a partir de várias óticas, em termos de ensino e produção, mas que compartilhem reflexões acerca das tecnologias e mecanismos metodológicos digitais. Abertos a diferentes definições e aplicações, sejam elas de natureza teórica ou prática, o Simpósio acolhe trabalhos que envolvam, por exemplo, a análise de suportes como softwares, linguagens de programação e o uso de inteligência artificial. Além disso, são bem-vindos estudos que explorem o universo virtual sob outras perspectivas, como pesquisas em redes sociais, documentos e acervos, sejam eles digitais ou digitalizados e o trato com o patrimônio em ambientes digitais.

A proposta consiste em refletir sobre os caminhos e processos atravessados pelas novas tecnologias, bem como as reconfigurações de



práticas, abordagens e relações no fazer historiográfico. Trata-se também de pensar os impactos dessas transformações na maneira como nos relacionamos com os instrumentos e métodos que compõem o trabalho historiográfico. Assim discutir sobre as intermediações entre história e tecnologia, reunindo investigações que busquem compreender esses novos espaços e ferramentas como dimensões constitutivas da prática do historiador na atualidade.



ST15 - Ensino de História e Formação de Professores: afetos, saberes e práticas

Autores: Yara Cristina Alvim; Mariana de Oliveira Amorim.

Palavras-chave: Ensino de História; Formação de Professores; Afetos: saberes e práticas pedagógicas.

Modalidade: Online.

Este ST parte da compreensão de que a formação de professores é uma experiência processual, demarcada por aprendizagens que se realizam ao longo da trajetória de vida, na formação universitária e no contexto da profissão (TARDIF, 2000), processo este compreendido como devir, um movimento aberto e incessante (AMORIM; MONTEIRO, 2019). À espessura temporal que demarca o processo de formação de professores, destacamos sua natureza intersubjetiva, baseada em relações humanas (NÓVOA, 2019), a partir das quais os saberes e as práticas são (re)elaborados, (re)posicionados e, inevitavelmente, impactados pela força dos afetos (SPINOZA, 2009).

Partindo destas premissas, o ST congrega trabalhos que investigam as potências dos afetos, dos saberes e das práticas docentes em sua relação com o Ensino de História. Interessa-nos trabalhos advindos de: a) pesquisas finalizadas ou em andamento; b) experiências que emergem das relações e práticas cotidianas de professores. Estão abertas à participação pesquisas e experiências realizadas em diferentes contextos e



trajetórias de formação, como: na graduação (reflexões advindas de estágios, práticas escolares, atividades extensão, PIBID etc.); na formação continuada e no contexto de trabalho de professores.



ST16 - Ensino e diferença: o “eu” e o “outro” da História

Autores: Maria Beatriz de S. Thiago Ragon; Hiago Gonçalves Dias do Nascimento; Raquel Damasceno Martins dos Santos.

Palavras-chave: Ensino de História; Currículo; Identidade; Diferença.

Modalidade: Presencial.

Este simpósio temático propõe reunir trabalhos que problematizem o lugar do “eu” e do “outro” no currículo/ensino de História, compreendendo que tais categorias não são neutras, mas construídas política e historicamente em relações marcadas por assimetrias de poder. A partir de debates sobre diferença, identidade e alteridade, pretende-se refletir sobre como o currículo/ensino de História pode tanto reproduzir quanto tensionar as lógicas que definem quem é reconhecido como sujeito por meio das narrativas que são legitimadas. Entendemos que o currículo e a prática docente são espaços de disputa de sentidos, nos quais se decide o que é lembrado, silenciado ou invisibilizado, e onde se definem temporalidades e identidades que, muitas vezes, operam segundo um modelo hegemônico – europeu, branco, ocidental e masculino – que se apresenta sob uma pretensa universalidade. Nesse sentido, convidamos trabalhos que investiguem como as noções de “eu” e “outro” são construídas, representadas e ensinadas e que proponham caminhos possíveis para reconhecer a diferença não como desvio ou exceção, mas como elemento constitutivo e incontornável da experiência humana e de



qualquer aula de História. Interessa-nos, ainda, discutir como o ensino de História pode abrir espaço para cosmopercepções plurais e para a construção de um horizonte democrático radical (Mouffe, 2009), no qual múltiplas vozes e experiências possam ser escutadas e legitimadas.



ST17 - Sujeitas e Sujeitos na História e História da Educação: periódicos, redes de sociabilidade e seus múltiplos campos de atuação.

Autores: Priscila Alves Ferreira; Diogo Piassá das Mercês; Patrícia Siqueira Marcondes.

Palavras-chave: História da Educação; História; Relações Saber e Poder; Redes de Sociabilidade.

Modalidade: Online.

Este Simpósio Temático pretende acolher pesquisas que perpassem os campos da História e da História da Educação, com ênfase na prática de sujeitas e sujeitos, suas redes de sociabilidade e suas múltiplas áreas de atuação. Objetiva alcançar todas aquelas e aqueles que transitaram em frentes como a imprensa, a circulação em periódicos, cidades, espaços formais e difusos de educação, bem como estudiosas e estudiosos das prescrições educacionais. Busca agrupar pesquisas que centrem suas investigações em abordagens teórico-metodológicas nos âmbitos da pesquisa historiográfica (impressos, prescrições, redes de sociabilidade e solidariedade) e nas discussões acerca da história da educação local e regional. Pretende problematizar fontes que possam contribuir para uma análise argumentativa inventiva, indiciando possíveis relações de poder e saber entre as sujeitas e sujeitos analisados, perscrutando as estratégias e táticas envoltas em suas relações e meios de atuação. O campo da História da Educação tem se mostrado profícuo ao projetar luzes em espaços não



hegemônicos e em outras formas de circulação de saberes por jornais e impressos não pedagógicos, o que pode contribuir para reflexões acerca das múltiplas dimensões da educação em diferentes territorialidades e períodos.



50

ST18 - Memória e Violência: gênero, religião e Estado nas disputas por reconhecimento e reparação

Autores: Francisco Ramos de Farias; Pâmela Silva Vieira Parreira; Amanda Lagemann Moura.

Palavras-chave: Memória Social; Violência; Gênero; Religião; Necropolítica.

Modalidade: Presencial.

A memória é um campo de força onde se disputam narrativas, legitimidades e futuros. Em contextos marcados por desigualdade racial, de gênero e de classe, a violência — física, simbólica, epistêmica e moral — opera como tecnologia de governo e de produção de esquecimento, moldando arquivos, monumentos, mídias e práticas cotidianas. Este simpósio propõe reunir pesquisas que analisem os usos políticos da memória e as múltiplas formas de violência (de Estado, institucional, religiosa e midiática) que incidem sobre corpos e territórios, com ênfase nas experiências de mulheres e dissidências de gênero/sexualidade e nas populações negras, indígenas e periféricas no Brasil e na América Latina. O objetivo é cartografar como essas violências são registradas, silenciadas, ritualizadas, transformadas em prova e/ou reapropriadas como recurso de resistência e reparação.

Teoricamente, o simpósio acolhe contribuições ancoradas na memória social (Halbwachs, Pollak, Jelin), nas teorias do poder e do discurso (Foucault, Butler) e nos debates decoloniais e da necropolítica



(Mbembe), sem excluir aportes interdisciplinares dos campos da história, antropologia, sociologia, comunicação, direito e estudos da religião. Interessa-nos, especialmente, a fricção entre memória oficial e memórias subalternizadas em arenas como: (i) políticas de segurança pública, encarceramento e militarização de territórios; (ii) conflitos religiosos e moralidades públicas (por exemplo, a expansão de igrejas neopentecostais e seus impactos sobre práticas e patrimônios afro-brasileiros); (iii) violências de gênero — da doméstica à obstétrica — e os modos de narrar, reparar e lembrar; (iv) disputas em arenas midiáticas e plataformizadas, incluindo desinformação, linchamentos simbólicos e campanhas de reputação; (v) políticas de memória, comissões de verdade, justiça de transição e iniciativas de reparação; (vi) pedagogias públicas da memória (museus, arquivos, escolas de samba, coletivos culturais) e suas contranarrativas.

Metodologicamente, são bem-vindas pesquisas baseadas em história oral e história pública; etnografias em periferias urbanas e rurais; análises de arquivos policiais, judiciais, eclesiásticos e midiáticos; estudos de imagens, performances e rituais; bem como mapeamentos digitais e análises de discurso/plataformas. Incentivamos também estudos de caso sobre favelas e centros urbanos, com atenção às continuidades históricas entre apagamentos coloniais e práticas contemporâneas de gestão da vida e da morte, e trabalhos que examinem como memórias insurgentes — por meio da arte, do culto, do direito e da organização comunitária — reconstróem sentidos, reparam danos e produzem futuros habitáveis.

Buscamos compor um espaço de diálogo interdisciplinar, crítico e



antirracista, capaz de tensionar fronteiras entre academia e território. As comunicações poderão tratar de séries históricas longas ou de eventos recentes; de controvérsias públicas, de processos judiciais, de litígios por patrimônio cultural e religioso; de mulheres como agentes e arquivistas de memórias familiares e coletivas; de práticas de cuidado e luto; de performances artísticas e carnavalescas como mídias de memória; e de experiências comparadas na América Latina. Espera-se, ao final, sistematizar problemas, métodos e achados que ajudem a qualificar políticas de memória e agendas de reparação, bem como a compreender os modos pelos quais a violência tenta fixar o passado — e como os sujeitos a desobedecem ao lembrar.



ST19 - Direitos Humanos, Arte e Memória: representações, silenciamentos e disputas narrativas

Autores: Amanda Muniz Oliveira; Milayne Ferraz de Azevedo; Giovanna Venturini.

Palavras-chave: Direito e Arte, Arquitetura, Memória Coletiva, Patrimônio Histórico-Cultural, Direitos Humanos.

Modalidade: Online.

O simpósio propõe um diálogo interdisciplinar entre Direito, História, Arte e Arquitetura, focalizando os silenciamentos, resistências e disputas narrativas que atravessam essas áreas. A iniciativa surge da experiência do projeto de extensão Cine Legem: debates em direito e narrativas audiovisuais (UFJF), que articula reflexões entre Direito e Arte para promover debates críticos sobre gênero, raça, classe e direitos humanos. A proposta examina como a arte, a arquitetura, e o patrimônio histórico-cultural funcionam como instrumentos de construção e contestação da memória coletiva, observando suas potencialidades e entendendo esse espaço como um campo de constante disputa. Acolherá trabalhos que problematizam representações sociais nas artes (literatura, cinema, teatro, música, artes visuais, arquitetura) e nas mídias, evidenciando como essas manifestações revelam dimensões invisíveis da justiça, opressão e cidadania.



Linhas Temáticas

Patrimônio e Disputas de Memória: Discussão dos desafios da proteção jurídica do patrimônio histórico-artístico e arquitetônico em contextos de disputa por memória, políticas de esquecimento e apagamento de grupos sociais. O patrimônio será analisado não apenas como bem material (edificações, espaços arquitetônicos, obras artísticas), mas como campo de significados e disputas políticas sobre pertencimento e identidade, bem como possibilidades de representação para grupos subalternos.

Mulheres e Resistências Artísticas: Reflexão sobre mulheres silenciadas nas artes e sua relação com lutas feministas, investigando exclusões históricas e estratégias de resistência por meio da arte e das mídias. Essas obras funcionam como espaço de denúncia e protagonismo, contribuindo para desvelar desigualdades e fortalecer movimentos de direitos humanos.

Arte como Instrumento de Resistência: Análise da arte e mídias como ferramentas de denúncia e enfrentamento às violações de direitos, ressaltando sua dimensão política e social. Narrativas literárias, visuais, musicais, dentre outras, serão interpretadas como modos de tensionar o Direito formal e propor horizontes alternativos de justiça social.

Narrativas da Extrema Direita: Exame das representações sobre direitos humanos em produções audiovisuais contemporâneas, como os documentários da Brasil Paralelo. Esses produtos midiáticos ressignificam



a memória histórica, questionando a legitimidade dos direitos humanos e difundindo leituras negacionistas sobre democracia e cultura. A análise dessas narrativas é fundamental para compreender disputas contemporâneas pelo sentido de "direitos" e construção da memória coletiva.

Assim, o simpósio convida pesquisadores de diferentes áreas a refletirem sobre como arte, arquitetura, mídias, patrimônio e memória se relacionam com os direitos humanos em suas múltiplas dimensões – denúncia, resistência, afirmação, disputa ou negação. Ao valorizar pesquisas que exponham silenciamentos e contradições, mas também caminhos de emancipação, espera-se contribuir para uma perspectiva crítica e interdisciplinar, comprometida com a preservação da memória coletiva, promoção da justiça social e defesa dos direitos humanos frente às tensões contemporâneas.



ST20 - História do Esporte e das práticas corporais

Autor: Harian Pires Braga

Palavras-chave: Esporte; Práticas corporais; Lazer.

Modalidade: Online.

Desde o final do século XIX, manifestações corporais variadas passaram por processos de sistematização e regramento que, aos poucos, configuraram-se no que hoje temos como esportes. Por sua vez, essas manifestações apresentam organização e dinâmicas próprias, compondo um campo social específico, com tensões e acomodações próprias. Essas dinâmicas não estão descoladas de uma realidade social ampla, possuindo interfaces de contato com outros espaços sociais e, consequentemente, compondo um quadro histórico complexo. Mais do que dizer que o esporte, em suas multiplicidades, não é neutro, é preciso compreender as representações e os significados que ele possui, tanto do ponto de vista como prática social, como possibilidade de análise e de reflexão, a partir de chaves teóricas que perpassam os estudos históricos, mas também outras áreas das Humanidades.

Esse processo de valorização do esporte objeto de estudo e reflexão próprio das Humanidades, distancia-se de duas ideias estanques, uma que repete a máxima acrítica de alienação e outra que o instrumentaliza com mero reflexo de temas mais relevantes. Pensar o



esporte pelas lentes das Humanidades, e aqui especificamente em diálogos entre História, Sociologia, Antropologia, Educação Física e Geografia, é perceber que grandes temas, como o racismo, também podem ser compreendidos pelas dinâmicas esportivas. A partir desse preceito, este Simpósio Temático tem como objetivo debater a produção da história do esporte e das práticas corporais, com trabalhos finalizados ou em produção, desde a graduação até o doutorado, abarcando diferentes aportes teórico-metodológicos.

O esporte como fenômeno social contemporâneo aos avanços do capitalismo industrial e do pensamento aburguesado do século XIX, com regras unificadas bem definidas, sistema burocrático federativo, organização meritocrática de ranqueamento e com reconhecimento coletivo. Assim, as práticas esportivizadas refletem seus contextos e disputas, como parte de uma sociedade moderna em abruta transformação.

Para além das práticas esportivizadas ou dos esportes em si, há uma miríade de outras práticas corporais que dialogam com a temática e que também possuem significativo impacto social, sendo objeto de análise nos estudos históricos, como ginásticas, atividades de lazer, jogos e demais atividades corporais. Dessa forma, o Simpósio também abraça trabalhos que versem sobre temas como capoeira, história do corpo, práticas do tempo livre, história dos divertimentos, história do treinamento e afins. Também são bem vindas experiências de Ensino de História que tomem como mote a Histórias do Esporte e das Práticas Corporais.



Por fim, a escolha pela apresentação on-line é fruto da percepção que é possível ampliar o alcance dos debates, com trabalhos de diferentes localidades, incluindo a possibilidade de participação de docentes do ensino básico. Cabe ainda lembrar que o Simpósio Nacional de História da ANPUH conta com um ST de História do esporte e da práticas corporais consolidado a mais de 20 anos, com profícua produção, demonstrando como a área vem crescendo ao longo dos anos.



ST21 - História Indígena e do Indigenismo no Brasil republicano (1910 - ...)

Autores: Cesar de Miranda e Lemos; Vitória Luyza Cardoso Barbosa; Beatriz dos Santos da Silva.

Palavras-chave: História indígena; indigenismo; regime tutelar; mobilização indígena; políticas indigenistas contemporâneas

Modalidade: Presencial.

O presente Simpósio Temático objetiva abrigar trabalhos que se enquadrem na temática da História Indígena e do Indigenismo no Brasil republicano. A proposta busca discutir a trajetória da política indigenista brasileira durante o período republicano, entre a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em 1910 e a promulgação da Constituição Federal de 1988. O simpósio abordará três eixos principais: a constituição do regime tutelar e sua fundamentação ideológica, a consolidação e crise desse regime ao longo do século XX e, por fim, a emergência do protagonismo indígena e de organizações indigenistas não-governamentais nas décadas de 1970 e 1980, culminando na conquista de direitos originários. Além da análise das instituições estatais, o simpósio busca promover a reflexão sobre as atuações indígenas e indigenistas não governamentais no período. Organizações missionárias, associações civis, movimentos sociais e redes de solidariedade desempenharam papel fundamental na mediação de conflitos, na denúncia de violações e no fortalecimento das lutas por



direitos territoriais e culturais. Essas ações contribuíram para a formação de uma contra-narrativa à política de integração, apoiando a emergência de lideranças e de projetos indígenas autônomos, especialmente no contexto de redemocratização e da Constituinte de 1987–1988. O simpósio também incentiva contribuições que dialoguem com as atuações contemporâneas após o marco da Constituição de 1988, quando o reconhecimento dos direitos originários possibilitou novas formas de organização e de protagonismo indígena. As últimas décadas assistiram à consolidação de organizações indígenas nacionais e regionais, ao fortalecimento de pautas relacionadas à demarcação de terras, à proteção ambiental e à preservação de línguas e saberes, bem como à crescente presença de lideranças indígenas em espaços institucionais, acadêmicos e internacionais. Essas transformações demonstram a continuidade das lutas históricas e a capacidade de adaptação e inovação das estratégias políticas e culturais indígenas. São bem-vindos trabalhos que abordem, sob diferentes perspectivas, a legislação indigenista brasileira, a aplicação e contestação do regime tutelar, a atuação do SPI e da Funai, as transformações nas políticas públicas voltadas aos povos indígenas, e o papel das constituições brasileiras nesse processo. Também serão aceitos estudos sobre práticas de resistência, mobilizações políticas, produção cultural e articulações indígenas no período, bem como pesquisas que discutam experiências regionais e comparativas de indigenismo no Brasil republicano.



ST22 - América Latina: entre a pluralidade de atores e tempos histórico

Autores: Luiza Rocha de Oliveira; Maria Eduarda Pedrete Vieira; Julia Delage Gomes Sabino.

Palavras-chave: América Latina, Historiografia, Sujeitos Históricos.

Modalidade: Presencial.

O objetivo deste simpósio é refletir como a história da América Latina vem sendo construída e reconstruída ao longo do tempo, sob uma ótica diversa de temporalidades e de atores. Motivadas por esforços historiográficos que buscam enquadrar temas sensíveis e urgentes, como a participação de populações marginalizadas em processos sociopolíticos variados, entre outros, a partir de distintas perspectivas teórico-metodológicas.

Dessa forma, o simpósio temático proposto busca debater - colocar em confronto - dois momentos da historiografia da América Latina. Um primeiro momento que via o subcontinente como o lugar do atraso e da impossibilidade de “modernidade”, e de contradições aos moldes dos europeus. Para uma segunda conjuntura, que vem se fortalecendo a partir da segunda metade do século XIX, que busca reconhecer novos e diferentes sujeitos históricos.

Serão bem-vindos, desse modo, trabalhos voltados ao papel dos subalternos, como povos indígenas, mulheres, negros, entre outros. Temas como a violência, a opinião pública, as múltiplas expressões culturais e as muitas modalidades de resistência presentes na história da América Latina terão acolhida nesta mesa. Assim, o simpósio temático “América Latina: entre a pluralidade de atores e tempos históricos”, que ora se apresenta, receberá contribuições que



possibilitem o debate sobre os assuntos em questão, enriquecendo as discussões sobre a história da América Latina no passado e no tempo presente.



ST23 - Antiguidade e Medievo: possibilidades de diálogos

Autores: Denise da Silva Menezes do Nascimento; Sofia Amélia Rego D'Andrea; Ismael da Silva Nunes; Aieska Pandolfi Monfardini.

Palavras-chave: Antiguidade; Medievo; História Decolonial; Perspectiva de Gênero.

Modalidade: Online.

Ao longo dos anos tem multiplicado as pesquisas que analisam os diferentes atores das sociedades antigas e medievais, seja oriental ou ocidental, dando destaque a sujeitos, acontecimentos e perspectivas preteridos durante longa data pela historiografia ocidental. Por sua vez, a Antiguidade e o Medievo estão presentes em nosso cotidiano por meio de filmes, séries ou jogos que enfatizam uma visão eurocêntrica e falocentrada de ambas temporalidades. Nesse sentido, o presente simpósio visa congrega pesquisadores que analisam a Antiguidade e o Medievo em suas diversas perspectivas – social, política, econômica, cultural – de modo a estabelecermos um diálogo a partir de estudos que se voltem não apenas para o que tradicionalmente associamos a cultura ocidental/ocidentalizante, mas também para o Outro, como por exemplo, as mulheres e sociedades dos continentes africanos e asiáticos.



ST24 - Espaços em Transformação: Colonização, Demografia e Dinâmicas Sociais (Séculos XVIII e XIX)

Autores: Igor Nogueira Lacerda; Tiago de Castro Braga; Cristian Gomes Lima.

Palavras-chave: Interiorização; Elites locais; Agricultura; Demografia.

Modalidade: Online.

Este Simpósio Temático propõe investigar as complexas interações entre famílias e processos de ocupação territorial, abrangendo desde as concessões de sesmarias e a expropriação de terras indígenas até a formação de aldeamentos e a apropriação de áreas devolutas, com atenção também aos aspectos demográficos. Essas dinâmicas serão analisadas à luz das questões relacionadas à colonização, à constituição de freguesias e às estruturas econômicas e sociais nos séculos XVIII e XIX.

O processo de interiorização, longe de se restringir aos primeiros séculos de colonização, exige uma consideração atenta das especificidades que moldaram a formação de determinadas regiões em contextos históricos distintos. Entre esses fatores, destacam-se o estabelecimento de aldeamentos indígenas, a intensificação das atividades comerciais e a abertura de novas vias de comunicação. Esses processos resultaram na emergência de pequenos núcleos populacionais, que, por sua vez, possibilitaram a constituição de redes de sociabilidade e o fortalecimento das elites locais. Nesse contexto, as famílias desempenharam um papel



central, com arranjos matrimoniais e a transmissão de propriedades fundiárias sendo elementos cruciais tanto para a sociabilidade quanto para a manutenção do poder local, impactando diretamente as questões fundiárias.

As dinâmicas agrícolas exerceram uma influência determinante na formação territorial. A seleção estratégica dos locais de cultivo e criação de gado refletiu as condições de solo, clima, e as oportunidades econômicas e demandas de mercado da época. A diversidade de cultivos e a expansão da produção agrícola estavam intimamente ligadas à ocupação dos territórios, à distribuição populacional e à configuração das propriedades. A compreensão dessas dinâmicas é, portanto, essencial para uma análise abrangente do processo de formação territorial nos séculos XVIII e XIX.

As fronteiras, inicialmente delimitadas por tratados e acordos frequentemente realizados em locais distantes das áreas demarcadas, adquiriram características específicas ao longo do tempo, influenciadas pela ocupação e uso da terra. A instalação de fazendas, a construção e funcionamento de capelas, a proximidade com fontes de recursos naturais e as atividades produtivas foram fatores que moldaram essas demarcações.

Nos séculos XVIII e XIX, as interações entre religiosidade e sociabilidade desempenharam um papel significativo na formação das localidades. As capelas e paróquias emergiram como centros de atividades religiosas e sociais, sendo a criação e consolidação de freguesias, muitas vezes vinculadas à elevação de paróquias, aspectos fundamentais para a



compreensão desse período. As instituições religiosas exerceram uma influência marcante na organização das comunidades locais e na vida cotidiana. Os registros paroquiais constituem fontes valiosas para o estudo das transformações sociais, revelando padrões familiares, dinâmicas demográficas e a distribuição populacional em relação às fronteiras, terras e centros urbanos.

Finalmente, este simpósio visa promover a troca de conhecimentos sobre as transformações territoriais e sociais que marcaram os séculos XVIII e XIX. Ao explorar temas como a formação de freguesias, estruturas econômicas, sociedades, questões latifundiárias, presença indígena, aspectos agrícolas, entre outros, busca-se ampliar os debates que envolvem as diversas camadas da história brasileira desse período.